

VOZ  
DA MOCIDADE

28 DE MAIO  
DE 1905

# VOZ DA MOÇIDADE

Ação, União e Sacerdício.

REDATOR-RESPONSÁVEL — **THEODORO DE SOUZA**

Deus, Patria e

ANNO II

PARAHYBA 28 DE MAIO DE 1905

NUM.

## CANDIDATURAS

Discute-se diariamente a eleição de quem deve ocupar as duas vagas deixadas no Senado e na Câmara Federal por este Estado, e, todos pairando em dúvida, esperam que se assente definitivamente esse ponto, para onde muitas vidas preenchem as conver-

gem. Uns, sem terem em mira o bem geral, o alevantamento de nossa terra, e levados por amizades particulares, restringindo-se a favores e obsequios recebidos, esperam que o eleito seja parahybano. Outros, olhando atento para o vulto de sua sympathia; outros, fazendo escolhas, e tementes de que o pleiteado não corresponda a sua expectativa, vacillam e não sabem a quem confiar o seu voto.

Fóra do círculo de todos que assim pensam estamos nós.

Nossa opinião, sobre o preenchimento dessas vagas, cai sobre dois vultos eminentes que de certo, ninguém, sem fazer injustiça, deixará de aclamar nossas vozes.

Tratando-se de negócios políticos, qualquer que tiver observado o nosso modo de proceder, terá também conhecido nossa imparcialidade. Por isso altamente dizemos que nossa opinião não dimana de nenhum princípio servil, nem tão pouco é oriunda de outras ideias que não sejam a esfera de homens que trabalham denodadamente pelo nosso progresso moral e cívico e pelo reerguimento do nome parahybano. Não; o que queremos é que o eleitorado parahybano, não se deixe levar pela onda dos preconceitos e criteriosamente veja quem merece receber o seu voto, faça juízo antes de tudo; quais, entre os nossos bons políticos, são mais devotados pelo remodelamento de nossa terra e capazes de sacrifícios nas maiores emergências.

Feita esta curta miltação, vemos que não podem ficar esquecidos os nomes honrados de Silva Mariz e Apollonio Zenayde. O Dr. Mariz, probíoso e honrado como é, todos conhecem seus serviços prestados a sua e nossa terra, quando não ha muito tempo, dignamente nos representava na Câmara Federal; e quem quiser fazer justiça dirá que sua senhoria muito nos honrará.

Si o eleitorado da capital em parte negar-se de sufragar o nome do Dr. Silva Mariz, para preenchimento da vaga deixada pelo inesquecido Senador Almeida Barreto, o do interior será bastante concencioso em convir com o no na proxima eleição.

Todas as cidades, vilas, etc., do interior do Estado estão apurando seus serviços a todos dispensados e justamente saberão medir seu merecimento e a ne-

cessidade do alevantamento de seu nome ante o Senado, que se impõe como uma necessidade, que a parahybá exige. Pois bem, do eleitorado do centro do Estado é que esperamos não ser esquecida a candidatura do Dr. Silva Mariz. Enquanto ao Dr. Apollonio quasi que é desnecessário acrescentarmos mais palavras, uma vez que ninguém ignora seu critério, sua vida pública e quanto será útil à Parahyba sua candidatura para Deputado Federal.

São estes os nossos candidatos que de certo contarão com os nossos votos.

## Restauremos o Christo

Não nos faltará a coragem bastante, nem tão pouco a caridade christã, sensurando o modo porque são encarados os males que nos desfazem, as causas porque não progredimos, o quanto é para desejar, já nos passados tempos da monarquia, já nestes tempos de democracia.

Admiramos e batemos-nos pela causa republicana, porém causa-nos impaciência, nauzes e irritação geral, quando ouvimos dizer que foi a coroa que implantou os germens do morbus que atrofiou os muscleos da Patria, impedindo-a a marchar nos caminhos do progresso, da moral, da satisfação e do sacrifício pelo bem geral do povo, parte integrante do que chamamos Patria.

Estamos em um regime republicano a 15 anos e porque ainda não emancipamo-nos desta anemia, porque ainda nem se quer temos ideia perfeita de liberdade, de democracia, probidade e patriotismo?

Será porque o sistema ainda não satisfaz as aspirações do povo?

Não, é porque o mal que zombou das virtudes do velho monarca, das boas intenções de alguns de seus ministros, é o mesmo que hoje ri dos que bem intencionados sobem a ocupar o cargo de dirigir os nossos destinos.

Permitam-nos a franqueza, desculpem-nos leitores; o Paiz está perdido, o mal vem de muito a-traz;

A causa é a pouca importância votada a educação christã nos tempos do império e a abulia completa nos tempos hodiernos.

Quereis salvar a Patria? quereis moralizar a justiça, desejais que sejam respeitadas as leis e que o Paiz tenha soldados capazes de lutar até morrer sem renegar nem vender a sua Patria? RESTAUREMOS O CHRISTO.

Restaremos o Christo dando a lei o cunho de sua origem — o Evangelho e ao soldado a ideia de que além da espada es-

tá a Cruz, forte e invencível. Restauremos o Christo ensinando que devemos nos amar, amar a Patria e não morder uns aos outros destruindo-se todos entre si.

## ATENTO

O vício, sempre o vício!... Eis o que muitas vezes ouvimos dizer quando um moço defende quer pela tribuna, quer pela Imprensa, os direitos de sua patria.

O vício, sempre o vício!... é a base das que se deixam levar às regiões da inércia pelo ares-tado do indiferentismo.

Não sabem os que assim falam que é sublime o vício de defender uma causa que pode oferecer ao seu defensor uma série de extraordinários benefícios.

Que falem deste modo; eu posso chamar os de loucos porque mais admiram o brilho falso do ouro, do que a candidez da honra de um homem que morre pelos seus nobres sentimentos patrióticos, sempre um dever em procurando fazer da lei o símbolo da verdade e da sua patria um mundo talhado para designos que se imponham pelas suas grandes.

Teaba um moço inteligência lucida ou obscuro, deve pugnar pelos interesses de sua patria, pois assim procedendo, pugna pelos seus próprios interesses, procurando elevar o nome de sua patria, elevará também o seu, instantaneamente.

E muitas provas tenho do que acabo de dizer.

É um caso bastante conhecido o de Tira-dentes que sem o auxílio de profundos conhecimentos defendeu ao extremo o seu Brasil, morrendo enfim como um infame; mas não muito tarde a luz diaphana do reconhecimento iluminou a história e esta pagou-lhe o grande sacrifício de seu trabalho, consagrando-lhe uma página de honra. E como este alguns outros que neste momento não me ocorrem a memória.

Não é a estética a imagem fiel da sinceridade, pois se assim fosse, não encontrariam muitas couzas que, trazendo-a em frente, vêm ou procuram impingir em nossas razões ideias retrogradas e falsidicidas.

É lamentável a censura feita por quem quer que seja a um moço que publicamente professa suas crenças patrióticas, defendendo de um modo criterioso a dignidade de sua patria, quando alguém, perfidamente atira sobre ella o manto da impudicícia; é lamentável cognominar-se de vício a palavra de um moço, quando esta clama pela moralidade da justiça, único elemento que nos

pode trazer o engrandecimento nacional e que até aqui só tem encontrado ponto de apoio nos corações dos moços e de alguns patriotas, corações ainda não contaminados por sentimentos nefandos.

Si é um vício lutar pelo bem estar de um povo, é pois um vício sublime, digno de aplausos e até mesmo da contemplação universal, um vício que surge para exterminar outro, deprimente, asqueroso, o da inércia no tempo em que o homem deve ser o defensor intrepido de sua patria.

Si todos os brasileiros se deixassem arrastar pelo silêncio, em face dos escândalos actualmente desenrolados, em breve, muito em breve teríamos que contemplar em vez do que aanciosos aspiráramos, um tumulto onde o esquecimento havia sepultar tantas glórias, tautos ideias sacrosantos que no passado custaram vidas preciosíssimas.

E tormentosa a quadra que atavessamos.

O presente com as suas misérias procura ofuscar as glórias do passado e a escravidão paira sobre nossas cabeças.... Ideias oligarchicas são as que reinam na Capital Federal; e monarchistas decididos são os principaes republicanos da época.

Figuras sinistras divisamos nós, no proscenio da actualidade...

São os verdugos das idéias nobres!...

Uma mulher pallida, abatida, esquelética, acha-se encerrada na Jaula do despréstigio.

É a opinião publica, vítima da baixesa de criterio!

E, deante desta série de escândalos inqualificáveis, o que é a Patria? — Uma martyr que tem por alvos aqueles que deviam ser os seus mais accendados defensores.

E A Lei? — Uma virgem que a consciência putrefacta dos espíritos degenerados procura atirar aos braços da desonra!

E a mocidade? — Uma turba heroica que, defendendo a Justiça as glórias do passado, as idéias nobres, a opinião publica, a patria e a lei diz aos evangélicos: A sua política é filha da moral e da razão.

Sublime é a missão dos moços mais sublime é o vício que a caracteriza!

JONATHAS COSTA

## Ordem de S. Francisco

A ordem primeira conta actualmente 1339 conventos com 15,840 religiosos e 1784 collegias.

De 7540 sacerdotes acham-se 557 nas missões na Ásia e África,

3689 ir-  
e freiras  
mas em  
tular tam-  
jos e 250  
relig osi-  
secular con-  
ses em 831,91

Summa 918,471, porem falta-  
do n'esta estatística a n'la gran-  
de numero de membros da 2<sup>ª</sup> 3<sup>ª</sup>  
ordem deve o total chegar ate  
um milhão de filhos e filhas de  
S. Francisco Seraphico.

Como Pio IX e Leão é tambem  
Pio X terceiro de S. Francisco.

### A LIBERDADE DE PEN- SAR E O LIVRE-PENSA- MENTO

(Continuação)

3.º No intuito de levar de venci-  
da a regra indefectivel da fé  
e dos costumes, o livre-pensamen-  
to, sofismando a divindade de  
J. Christo e do seu Evangelho,  
negava tambem a Igreja; não a sua  
existencia, nem a sua influencia  
moral sobre a sociedade, mas a  
sua origem divina e sua autorida-  
de infallivel.

«Seria necessário sair deste  
mundo, diz um grande pensador,  
seria mister obliterar do coração  
da humanidade a historia de dois  
mil annos de continuas vicissitu-  
des e admiraveis vitorias para  
negar a existencia da Igreja e  
sua influencia social.

Sim; e não é ella esta grandio-  
sa sociedade de tão numerosos  
crentes disseminados por toda a  
face do globo, professando a mes-  
ma fé, nutrindo as mesmas espe-  
ranças, reconhecendo a mesma  
autridade, submetendo-se as  
mesmas praticas religiosas?...  
Não são esses monges, esses pa-  
pares, esses bispos, esses Papas da  
idade media, que salvaram as ar-  
tes, as sciencias e as letras, que  
civilizaram os bárbaros e criaram  
a cidade dos santos no recinto  
pacifico dos mosteiro?... E  
tudo isso é muito mais que isso.  
E' tambem o caminho, se guro da  
vida eterna, a regra indefectivel  
da fé e o meio unico da nossa sal-  
vação, em que pese as pretencões  
do filosofismo, insignificante e  
ocioso, que busca no embota-  
mento da consciencia a seguran-  
ça, que não lhe oferecem o vi-  
cio e a licença... Portae inferi-  
non praevalunt adversus eam.

O livre-pensamento, ao menos  
o que respeita, ainda a historia,  
não nega, pois, a Igreja como  
sociedade e como potencia moral.  
Nega entretanto a sua origem  
divina e a infallibilidade de sua  
autoridade suprema, que consti-  
tuem a nota distintiva de seu  
caracter especial. Para elle, a  
Igreja não é mais que uma so-  
ciedade puramente humana, que  
teve seu periodo de beneficia-  
e glorias, mas que, carcomida em  
sua base, tende a decadencia:  
«Nascida sob o despotismo dos  
imperadores romanos, ella pôde  
desenvolver-se, atingir a a-  
pice da grandeza, sob as monar-  
chias ab ditas da Europa... O  
advento da liberdade politica e  
religiosa foi o signal de sua de-

### Carta aberta

IV

Carissimo Theodoro,  
(Coubelusso)

Nessa babel, tremendamente  
tem, estou com receio somente  
de sair fa lângua uma língua que  
não seja a nossa, acertando, desse  
modo, em uma que justamente an-  
tipathise sumamente; comtudo.

é mister que vâmos a esmo no  
meio desse enorme barathro de  
incoherencias as mais degradan-  
tes.

S. d'Alencar.  
20-5-05.

Está entre nós o distinto pro-  
fissional Capitão João Furtunato.  
Cumprimentam-o.

O belissimo Cruzeiro do Sul,  
meu caro, é, no meo entender,  
presentemente como o cyclope  
conduzido á gargalheira por maos

com grande prazer publicamos  
o cartão que se dignou enviar  
nós o nosso socio Bemteitor, Fe-  
lix M. S. enhas; o destruidor dos  
preconceitos neste Estado, contra  
a acredital Sociedade de Segu-  
ros sobre a vida — «A Equitativa»,  
o incansavel propagador das con-  
ferencias de S. Vicente de Pau-  
lo:

### CARTÃO

Ilm.º Sr. Presidente da «Mo-  
cida Católica».

Felix Mascarenhas dispõe-se  
e oferece a distinta associação,  
que tão dignamente presidis um  
candideiro belga para luz de al-  
cool, desejando que se conserve  
como uma lembrança e um si-  
gnal de quante presa o esforço re-  
generador que a mocidade ca-  
tholica da parahyba tem feito  
para despertar, nos de sua ida-  
de, a fé christã, já quasi apaga-  
do no coração até dos velhos.  
Offerce seus serviços no Rio  
e o abraça.

25-5-1905.

### Fé

AO REDATOR RESPONSA-  
VEL DA «VOZ DA MOCIDADE»

Foi céleste! Foi consolatrice! tu  
fais plus que de transporter les mon-  
tagnes. (Charteauvriant)

Quem despertou o Verbo adormecido  
nas arcanos ethereos dos Céus?  
E fulgo Lhe d'um mundo tão florido.

Alvo foste tu ao coração de Deus...  
Quem levou ao ponto desconhecido  
do christianismo os seus trofeus?

Reformou um mundo encanecido  
na doutrina dos impo e atheistus...

Não foste tu, alada mensageira  
de nossas esperanças—quem levou  
a boa nova, alegre, alvíçareira!...

Quem levou ao ponto desconhecido  
do christianismo os seus trofeus?  
e reformou um mundo encanecido  
na doutrina dos impo e atheistus...

Não fôs tu, oh Fé, que fuscimo-  
a heresia, ferindo-a de cegueira  
no campo das paixões, onde medrou!

V. de Umbuzeiro—20-5-905

Cos Lábara

### O Diario de Natal

Com satisfação recebemos a  
visita desse valente campeão  
que, depois de uma longa inter-  
rupção, reapareceu no vizinho  
Estado do Norte.

Parabens ao seu digno redactor

E' pois, o livre-pensamento de  
hj, sob uma forma mais polida  
e grave, a filosofia sofistica de  
Voltaire, que resvalando do sar-  
casmico á sordidez ousou negar ao  
grande, ao imenso, ao sapien-  
tissimo Redemptor a nota distin-  
tiva de seu caracter divino e ain-  
da mais a nobreza de seu san-  
gue e a incontestavel pureza de  
seus costumes immaculados, pro-  
duzindo o aforismo nimamente  
insultuoso—«écras l'infame»—  
que muito nos pôs a repetir aqui,  
e entretanto foi a senha de que  
se serviu para lançar sobre J.  
Christo e sua esposa immaculada  
toda a sanha de um coração cor-  
rompido pelo vicio...

Nega portanto, e nega absolu-  
tamente o livre-pensamento to-  
das as crencas christãs com al-  
gum disfarce e muita hipocrisia.  
é mister que vâmos a esmo no  
meio desse enorme barathro de  
incoherencias as mais degradan-  
tes.

S. d'Alencar.  
20-5-05.

Está entre nós o distinto pro-  
fissional Capitão João Furtunato.  
Cumprimentam-o.

de frageis pigmeus. Os pigmeus,  
aqui, são os fementidos republi-  
canos da epocha: manchando o  
nosso pacto fundamental—violan-  
do e se tabernaculo sagrado onde  
se acha depositada a hostia dos  
magnos direitos individuaes!

Precorrendo-se a historia pa-  
tria, em suas brilhantes paginas  
destacam-se acontecimentos tão  
magnificos que nos ensoberbam,  
e vêm signaes de ascendendo  
amor pela patria em homens do  
qualite de André Leitão, no cer-  
co da Bahia, sacrificando a vida  
em troca de muitas cabeças des-  
moliadas, espavoridas com as a-  
meaças finalisticas dos Hollande-  
zes, no seculo XVI: um João da  
Matta, conquanto a borda do tu-  
mulo, defendendo heroica e ex-  
traordinariamente o forte de Ca-  
bedello e tantos outros denoda-  
dos que souberam morrer, legan-  
do á posteridade o masculo  
sentimento de patriotas! Entre-  
tanto, com essa degenerescencia  
de patriotismo, é muito dificil a-  
ctualmente encontrar-se homens de  
semelhante jaez.

A Patria estorce-se em convul-  
sões tremendamente lethiferas e  
não apparece um brado que, so-  
ndo de um polo a outro, ateie a  
chamma do patriotismo. E sum-  
amente extranormal isto: é um  
torpor enorme em que se acha  
envolto o brio do brasileiro, ma-  
xime dessa Mocidade—a força  
nova preponderante e pugnadora  
pelo restabelecimento do edificio  
em escombros da Liberdade! Es-  
tou quasi acreditando que iremos  
trilhando por entre cardos, em  
busca de um chaos horripilante  
escuro; dividio a esse modus abo-  
minavel em que segue nossa Pa-  
tria: entregue ao absolutismo da  
força, que só cabe no curto recin-  
to de corações anegados—fon-  
tes inexauriveis de ferocidades  
e donde emanava ininterruptamen-  
te o fluido supurado da ingrati-  
dão.

Em nascendo-se educado nes-  
se meio degenerador, nunca ha-  
verá patriotismo: torna-se o ho-  
mem um fino cosmopolita; de ma-  
neira que, coagido por qualquer  
forma, vae constituir seu alber-  
gue onde quer que viva livre,  
como os raios de uma aurora es-  
padanando pelo universo em for-  
a; entao, torna-se abjecto vas-  
sal de uma pleia de aventureira  
e absurdas, que tende para o ani-  
quilamento completo do que si-  
diz—liberdade individual.

Basta. Não vou alem porque  
desejô que passe esse cortejo fu-  
nerario de miseras, até que pos-  
sa lançar mios ao direito que me  
cabe e poder dar largas ao meo  
pensamento. Nunca, porem, dei-  
xarei de, uma vez por outra, re-  
fer-me a Patria e continuo, em-  
bora que tratando de outros as-  
sumtos, maxime em referencia  
a educação que temos presente-  
mente.

Teu admirador sincero,  
Liberalino Cavalcanti.

Celso Mariz

Em excursão especial do Com-  
mercio ao interior do Estado, se-  
guiu no dia 23 do corrente o nos-  
so amigo cujo nome encima es-  
tas linhas. Que façam felizes viagem  
e em breve esteja em nosso meio,  
sao os nossos votos.

O Grande disco do sol ia, has.  
Agradecemos a sua honra  
pouco e pouco desaparecendo por  
entre das nuvens mimosas, em-  
quanto os seus ultimos raios agu-  
nisantes illuminavam com sua  
sanguixa luz, de um encarnado san-  
guineo, as pittorescas paisagens  
das praias Parahybanas...

Envolto com o doce murmurio  
da tarde, chegou-me ai ouvido  
o som longiquo e plague de um  
sino, que, alguma igrejinha dissera  
que ria ragorosamente a Ave  
Maria!

Na praia silenciosa, o vento  
perpassando entre as palmas dos  
frondos coqueiros, dir-se-hia o  
longo suspiro d'um poeta mori-  
bundo...

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Aqui e ali, deslizando sua-  
vemente por entre as manas-  
guas, as canoinhias dos pescadores,  
com suas brancas velas desfralda-  
das, pareciam convadear-me a  
um passeio a beira-mar!

Disse a camelia as outras flores:  
congreguemo-nos para prestar o  
nosso festival a rosa de Jericó.  
Compareceram todas as flores  
ao campo determinado; falou a  
rosa: prestar-me hei para perfu-  
mar o ambiente e formar a gri-  
nalda com que devem coroal-a  
as filhas de Israel.

Levantavam-se os lyrios e com  
a pureza que os caracterisa e sim-  
plicidade que os ornava disseram:  
symbolizaremos a sua candura.

Os estephanotes, as madresilvas  
convocaram as suas companhe-  
iras, a familia das trepadeiras  
ou convolvulaceas e disseram  
faremos o docel de seu solio.

Embora humidos falamos tam-  
bem, disseram os mugos e ver-  
benas para nada somos utiles no  
entreteno alcatifarmos o solo  
onde erguem o seu altar.

Chegaram afinal as outras flo-  
res e disseram: congreguemos-nos  
e façamos o matiz da alcatifa que  
tem de vestir o solo que a tem co-  
mo Patrona e Rainha.

E assim sucedeu, no Brazil en-  
tão vemos claramente.

Em Ma

## Me moria de uma pagina negra

No ponto mais elevado e agradável da serra conhecida por «Cirry Velhos», sobre uma verdejante planicie, vi-se outora la-deada de senzilhas uma elegante casa de campo, em cuja frente e a alguns passos, erguia-se, como uma vela sobre o oceano, a branca torre de uma igrejainha de modesto estylo. Ali, a piedade do antigo proprietário havia levantado o primeiro padrão em honra do christianismo, e os escravos daquela fazenda, em comunhão com os das fazendas vizinhas, fizeram aquisição de uma imagem da Virgem do Rosario e colocaram-na em um antigo oratório, donde veio o nome que o lugar tem hoje. Desse tempo, commenced a tradicional festa do Rosario na Capella da povoação do Oratório desta Freguesia. Durava nove dias, e era feita às custas dos miseráveis captivos, que de todos os pontos da vizinhança affluíam no dia agradado, a coroação dos Reis Congos. Em obediência às leis da festividade entre elles estabelecida, era costume, organizarem a guarda de honra, formada por alguns negros armados de espadas e outros petrechos belicos; aqual devia escolher dentre os mais antigos e mais apessoados, um casal de pretos que era depois levado em triumpho ao campo da aclamação, onde eram vestidos de galas, coroados e sentados em thronos previamente levantados. Durante os dias da festa os pseudos Reis eram tratados com todo respeito e acatamento, e até os próprios senhores dispensavam-lhos do trato grosseiro. Depois disso, comejava o que se podiam chamar as saturnides da idade cristã...

Eram os promotores dos festes, os manifestantes mais exaltados, que dançavam ao toque de maracás, pandeiros, ganzás, e outros instrumentos de bumba; enquanto, imitando a toada, iam as pretas rimando estrofes sem metro.

Dançavam as cambindas, o maracatu e o fandango. Este ultimo era a representação de um drama terrível, no qual um capitão de navio, com o resto da tripulação sobrevivente a um naufrágio, lutava denodadamente para se livrar de selvagens feroces e anthropophagos. A corda é a tragedia, eram representadas no malão, acompanhadas por gestos ridículos e canticas licenciosas. No dia seguinte havia a Meia, onde o representante do puder das trevas, o (cubá), tomava a cabiceira de uma mesa forrada, com outros em volta, começava a secção, (ari-cubá) depositando no centro, sob um cesto, um gallo preto símbolo do malefício e medianeiro entre o Cuba e o puder oculto. Entre outras ninharias, tirava do pano um preparado de jurema que bibiam todos pela mão do mestre e adormeciam depois. A ação harpética deste vegetal produz sonhos agradáveis, e os individuos que se acham sob sua influência, phantasiam coisas extravagantes, e creem tivo das estrelas e nos ambitos

transportar cidades e reinos longinquos. Era que as suas imaginações iluminadas delineavam a paisagem dos campos onde foram livres! Sonhavam com a liberdade eclipsada na escravidão. O ultimo dia da festa era encerrado pela cerimónia da missa; e os Reis Congos, a frente da sua corte, marchavam para a capela, onde iam collocar-se ao lado do altar. Era a mais bella e mais tocaante representação da trageia do calvário contrastava com a maior aberração e maior crime da natureza humana.

Ao altar desce o meigo Rabbi da Galilea, e se oferece em holocausto ao seu Eterno Pai, para levantar a humanidade dos ferros da escravidão:—do throno a nagesta raça de Cham desce ao proscenio da humilhação e do sacrifício atirada pela impiedade dos seus irmãos!...

V. do Umbuzeiro—28—4—95

Cos Lytara.

## D. Admeto

Segundo telegramma que lemos em o nosso collega, A União, sabemos que S. S. o Papa Pio X, recebeu em audiencia o nosso estimado prelado, que já se achava em Roma de volta da peregrinação a Terra Santa. Nos devanecem por de mais as altas considerações que o Chefe da Igreja recebeu o nosso querido Pastor e fazemos ardentes votos para que em breve volte a abençoar seu amado rebanho que ansioso o espera.

## Je vous salue mois de Marie

O mez de Maria é o mez das flores. A natureza como que despertando de um pesado sono, suspende as umbrosas cortinas do inverno, e apresenta-se adornada de formosas galas. A terra esmaltada de luxuriante relva entrelaçada de recedentes flores sorri para o céo.

Mez de Maria... mez de Maria, é doce sentir-se o perfume de tuas limpídas manhãs onde o sol dardojandu seus raios fulgentes sobre a dulcissima gotta de orvalho no perfumoso calix da flor, nos oferece a mais deliciosa e agradável perspectiva! Dilecto filho de Deus, benditas sejam tuas tardes amenas. Quando te approximas ouve-se o melliflúo gorgorio dos passaros trilhando entre os ramos frondosos das árvores, e docemente pensa-se na vida inocente do campo com suas vividas e sedutoras paisagens.

Mas porque reunes em ti o privilegio de tantas bellezas, e o conjunto de tantos encantos?... Que significa esse todo pomposo com que singularmente te decoras?!

Ah! comprehende-se, é uma harmonia de extraordinaria manifestação, é mobilissima homenagem à Augusta Rainha do Céo; sim, bem ve-se nitidamente desbuxada nas petalas setinosa das flores, no alvor risenho da madrugada, na modesta penumbra do crepúsculo, no scintilar fulgurante das estrelas e nos

dos templos onde ecoa mysterioso concerto de alegria e entusiasmo.

Findo obedecendo em fim automaticamente a sua lei suprema, que procura com maravilhosa perfeição e harmonia erguer louvores a Virgem Maria.

Je vous salue mois de Marie.

Uma parahybana.

Ceará, Quixadá—14—5—1905.

Para o Natal, Capital do vizinho Estado do Norte, seguiu honestamente com a Exm<sup>a</sup>. família afim de despedir-se de seus parentes, por ter de seguir para a Capital Federal, o nosso particular amigo, Major Felix Mascarenhas incansável e operoso representante da Equitativa e nosso muito digno Socio Benfeitor.

Desejamo-lhe boa viagem.

## INVEJA—CIUME

*Inveja* é um sentimento penoso, causado pelo bem que outrem possue, *Ciume* é um sentimento penoso, causado pela pretenção que outrem tem, ou receiamos que tenha, de possuir um bem que julgamos nosso ou que aspiramos a gozar exclusivamente.

*Inveja* é mais geral que o ciúme, Afflige-se do bem alheio, ainda que não possa prendê-lo, nem aspirar a elle nem dahi lhe venha mal algum. O ciúme é mais limitado na sua extenção, sómente dom na aquelles que pretendem ou podem pretender a posse do mesmo objecto.

*A inveja* é um sentimento baixo e abjecto, é o tormento das almas via: tudo o que pode servir de utilidade em vantagem aos outros irrita, como si o bem alheio fosse mal seu!

O ciúme tem uma origem menos ignobil; nasce do orgulho, isto é, da ideia vantajosa que cada um tem da superioridade do seu mericimento, e olha como inimigo o competidor que lhe disputa essa superioridade. A inveja rôe e consome em segredo o coração que a nutre; envergonha-se da sua propria baixeza e não ousa aparecer em público à cara descoberta.

O ciúme, como menos vil, não tem manifestar-se de um modo sensível ou publico; rompe muitas vezes com impeto, e os seus efeitos são mais estrondosos e talvez mais funestos.

(Séculos XVIII—XIX).

D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ.

## Sondando...

Da morte já me approximo  
Estou portanto acabado  
Vejo-me agora obrigado  
De deixar minha secção;  
Portanto peço aos leitores  
Desculpas mil ao horrores  
Que cometí sem razão.

Approximando-se o dia  
Que morreu J. Cartola,  
Resolvi quebrar a molla  
Que me prende à Redacção;  
Cumpre-me agora fazer  
A ella uma despedida  
Nascendo do coração  
De Danton que no SONAR  
Embora purificando  
Sóude presar sua vida.

Danton

## A IMMACULADA

18—12—04  
Uma prece murmurada a degradação  
A tua glória do holocausto da vita  
Que do abismo à terra já pendura  
Vai do abismo à terra já pendura

E a fronte sombria da degradação  
Em raga mal prece, olhos em pranto  
Os labios contraidos da maldita  
Sorte, que lhe rouba o doce encanto,

A planta frida às urzes do caminho  
Sem amor, nem um lar, oh! nem um ninho  
Marcha, e marcha sempre a degradação;

E no meio das trevas da procissão  
Ergue os olhos e fita uma estrela;  
A Rainha dos Céus—A Immaculada.

S. d'Alencair.

## Saudades!...

A...

Como admiro n'esta modesta florinha a sua alvura imaculada!.. E' o symbolo perfeito da inocencia!.. Ella attrahe a sympathia dos corações... e principalmente dos corações amantes; chegando muitas vezes a propiciar-lhes de um certo modo algum alivio!

—E' minha flor preferida... e não posso contemplá-la sem que ainda mais aumentem-se em meu coração as saudades de que sou vítima!..

.....Em suas brancas e frizadas petalas de orvalho... era uma lagrima a mais pura das lagrimas — a de uma mãe...!

Oh! brisas que embalais aquela Terra onde placidamente escoaram-se os aunos de minha infancia, ó passaros que cantam das frondes d'esses arvoredos, a cuja sombra me abrigo tantas vezes para mergulhar-me na lembrança dos meos, sede mensageiros de minhas tristezas.....

Ide derramar nos corações d'aqueles por quem soffro as bagaçadas de meu pranto de saudade.....

E a florinha que hontem, fresca e perfumosa embalsamava o ambiente vejo-a inclinar-se hoje tristemente... Oh! não murches pallida saudade! Terás como gotas de orvalho, minhas lagrimas que pousando em tuas pétalas imaculadas serão a expressão juntamente de um coração dorido!...

Tu, minha companheira inseparável, permanecerás unida a mim como entre si é aquelle casal de pombinhos, que ora descansam apoiados um contra o outro...

....E não mais poderei rever-te, flor querida, sem que em meu coração despertem-se as vivas recordações d'um passado repleto de illusões que se desfizeram tão ligeiras, como a neve que dos montes foge, ao despontar do sol e como as nuvens que correm em pedaços pelo céo!..

Cordelia Sílvia

Alagôa-Grande, 12-5-905

## O Angelus!

(A Rita Marmida

Eram seis horas da tarde.